

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS

GIANA ANTUNES BESS

**PERSPECTIVAS SOBRE ATRIBUIÇÕES DE VALOR AO PORTUGUÊS ENTRE  
ESTUDANTES E FAMÍLIAS DE MIGRANTES BRASILEIROS EM TORONTO,  
CANADÁ:  
IDEOLOGIAS DE LINGUAGEM E CLASSE SOCIAL**

Porto Alegre

2019

**Giana Antunes Bess**

**Perspectivas sobre atribuições de valor ao português entre estudantes e famílias de  
migrantes brasileiros em Toronto, Canadá:**

ideologias de linguagem e classe social

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para a obtenção do grau de licenciada em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Pedro de Moraes Garcez

Porto Alegre

2019

À mãe e à vó.

## **AGRADECIMENTOS**

Gosto de pensar neste trabalho como um reflexo de minha (um tanto quanto longa) trajetória na UFRGS. Por isso, agradeço aos professores e colegas que me acompanharam nesses momentos. Agradeço, especialmente, ao Pedro Garcez, pelas oportunidades, orientação, paciência e disponibilidade ao longo dos três anos em que atuei como bolsista de iniciação científica. Agradeço à mãe e ao pai por tornarem tudo possível; ao Bruno, que acompanhou de perto esse caminho; aos amigos de perto, por me acompanharem com leveza; aos amigos de longe, por seguirem sempre junto. Por fim, agradeço à UFRGS, por ser cenário de tudo isso, e aos contribuintes brasileiros que custeiam a educação pública e gratuita.

## RESUMO

Este relatório de conclusão de curso busca examinar ideologias de linguagem em função de aspectos de economia política a fim de compreender práticas de linguagem transnacionais contemporâneas na experiência de migrantes brasileiros na região de Toronto Canadá. O seu objetivo é flagrar relações entre repertórios multilíngues de migrantes brasileiros em Toronto e perspectivas de atribuição de valor à língua portuguesa atreladas posições que visam à atuação no mercado de trabalho e ao reconhecimento de valorização do multilinguismo pelo mercado canadense. O trabalho se divide em quatro partes: na primeira, situo o quadro geral de estudos que formam a base teórica da análise, os quais tratam de língua(gem), mobilidade e a nova economia globalizada em relação a interesses políticos e econômicos de falantes, grupos e estados-nações (HELLER; MCELHINNY, 2017). Na segunda, apresento os objetivos da pesquisa e a metodologia adotada, bem como debruço-me sobre publicações de cunho etnográfico que tratam de falantes de português em Toronto e do mercado de trabalho na cidade. A partir disso, formula-se a hipótese que norteia o estudo: se habilidades multilíngues potencialmente valiosas são alienadas do sujeito, que não atribui valor ao seu repertório como possibilidade de obtenção de vantagens econômicas, as diferentes posições que os falantes assumem em relação a seus repertórios podem ser indicativas de questões de desigualdade social. Assim, na terceira parte, analiso três entrevistas com famílias de migrantes brasileiros com diferentes perfis, atentando para suas posições em relação à língua portuguesa e outros repertórios multilíngues, bem como narrativas de investimento em *language skills* voltadas para o mercado de trabalho. Na quarta parte são apresentadas as considerações finais sobre o estudo - suas conclusões e limitações, as quais apontam para a pertinência do conceito de “etnoclasse” ao tratar de falantes de português em Toronto; a possibilidade de mobilização do conceito de “alienação” para tratar de questões de ideologias de linguagem e classe social, relacionado a manifestações de atenção a demandas do mercado de trabalho da economia política em que os entrevistados se inserem; e, por fim, em consonância com Block (2017), o reforço da importância do estudo de práticas de linguagem, migração e classe social em termos de condições materiais da vida desses falantes.

**Palavras-chave:** Toronto. Repertórios multilíngues. Português. Ideologias de linguagem. Classe social. Etnoclasse. Alienação. Mercado de trabalho.

## SUMÁRIO

<b>1. ESTUDOS DE LINGUAGEM, MOBILIDADE E A NOVA ECONOMIA GLOBALIZADA .....</b>	<b>7</b>
<b>2. MIGRANTES BRASILEIROS E O MERCADO DE TRABALHO EM TORONTO</b>	<b>11</b>
2.1 DEFINIÇÃO DE OBJETIVOS DE PESQUISA E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....	11
2.2. PRÁTICAS DE LINGUAGEM DE FALANTES DE PORTUGUÊS EM TORONTO .....	13
2.2.1. - Publicações desenvolvidas no âmbito do projeto de pesquisa Práticas transnacionais e escolarização multilíngue de falantes de português em Toronto, Canadá: .....	13
2.2.2 - Migrantes e o mercado laboral de Toronto .....	17
2.3. PERSPECTIVAS EM LINGUAGEM E IDENTIDADE: ECONOMIA POLÍTICA E CLASSE SOCIAL .....	19
<b>3. PERSPECTIVAS SOBRE ATRIBUIÇÕES DE VALOR AO PORTUGUÊS ENTRE ESTUDANTES E FAMÍLIAS DE MIGRANTES BRASILEIROS EM TORONTO CANADÁ.....</b>	<b>21</b>
3.1 DIFERENTES EXPERIÊNCIAS COMO MIGRANTES E DIFERENTES ATRIBUIÇÕES DE VALOR À LÍNGUA PORTUGUESA ENTRE FAMÍLIAS FALANTES DE PORTUGUÊS: <i>MAINSTREAM</i> CANADENSE E ETNOCLASSE .....	22
3.2 CLASSE E ETNOCLASSE EM AVALIAÇÕES SOBRE O VALOR DA LÍNGUA PORTUGUESA NO REPERTÓRIO DE MIGRANTES BRASILEIROS EM TORONTO, CANADÁ .....	30
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>37</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>40</b>
<b>APÊNDICE A – CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO.....</b>	<b>43</b>

## 1. ESTUDOS DE LINGUAGEM, MOBILIDADE E A NOVA ECONOMIA GLOBALIZADA

Este trabalho de conclusão de curso é resultado de minha atuação como bolsista de iniciação científica no projeto *Práticas transnacionais e escolarização multilíngue de falantes de português em Ontário* (GARCEZ, 2015), cujo objetivo geral é compreender práticas de linguagem e de escolarização multilíngue entre migrantes brasileiros na região de Toronto. Estatísticas sobre a população da região metropolitana da cidade registram que 46% de seus habitantes são migrantes (City of Toronto, n.d.). Esse dado, juntamente com a posição ocupada pelo Canadá na economia global e com políticas internas de atendimento e gestão de processos migratórios, destacam o país como local de interesse para estudos sobre temas transnacionais contemporâneos e, como no caso desse relatório e do projeto de pesquisa no qual ele se insere, o estudo de práticas de linguagem multilíngues em tempos de mobilidade e diversidade.

O Canadá pode ser visto como cenário particularmente interessante pela sua superdiversidade – termo utilizado por Vertovec (2007) para se referir à diversificação da diversidade, ou seja, à contemporânea imprevisibilidade de fluxos migratórios e multidimensionalidade de fatores que constroem diferentes identidades de populações migrantes. Ao destacar principalmente a insuficiência de lidar com diversidade em termos exclusivamente étnicos, o autor aponta para outras facetas constitutivas de interações complexas que devem ser consideradas em estudos migratórios, como *status* de migração, gênero, idade, distribuição espacial, etc.

Também é essencial destacar a relação entre migração e Estado no cenário canadense no que diz respeito à política oficial de multiculturalismo do país, introduzida em 1971 e que, segundo discurso dominante, permite a migrantes e seus descendentes manterem suas línguas e culturas e serem, ao mesmo tempo, cidadãos canadenses (MCALL, 1990). De acordo com Silva (2013),

a política de multiculturalismo também ajudou a legitimar as políticas econômicas do Canadá que controlavam e reproduziam a diversidade etnolinguística ao (des)autorizar quem podia entrar no país, quando e com qual acesso a certos tipos de trabalho. (p. 4)

O autor acrescenta que essa institucionalização fomentou a organização de diferenças étnicas em espaços homogeneizantes e separados do *mainstream* canadense em mercados etnolinguísticos marcados pela disputa por discursos que definiam o que é ser português, chinês ou qualquer outra etnia. Assim, de acordo com Silva, “apesar de um discurso festejando a diversidade, a política de multiculturalismo canadense legitima uma homogeneidade falsa e, muitas vezes, ignora e reproduz divisões internas e desigualdade” (2013, p. 4). É nesse campo – em que se destacam questões de nacionalismo, migração (e sua gestão por parte do Estado) e desigualdade de distribuição de recursos materiais e simbólicos – que situo meu estudo de práticas de linguagem.

Ao incluir superdiversidade e mobilidade em estudos sobre práticas de linguagem e migração, a associação entre um Estado, uma nação e uma língua passa a ser questionada. Blommaert e Rampton (2011) apontam para uma revisão de conceitos fundamentais sobre línguas/linguagens e seus falantes – no lugar de noções de estabilidade, fixidez e homogeneidade, as línguas são vistas como instáveis, dependentes de contextos e histórica e politicamente situadas. No que chamou de “sociolinguística da globalização”, Blommaert (2016) menciona que, ao tomarmos mobilidade como central, tem-se como efeito um certo grau de imprevisibilidade no que observamos e a limitação do atual vocabulário metodológico e teórico, especialmente no que diz respeito, novamente, à visão de línguas como unidades homogêneas e associadas a um Estado-nação. Reconhecendo a limitação do vocabulário metodológico, a heterogeneidade e a imprevisibilidade dos fenômenos linguísticos, o presente trabalho toma como central a noção de ideologias de linguagem, ou seja, “as ideias com as quais participantes e observadores mapeiam seus entendimentos sobre variedades linguísticas e projetam esses entendimentos em pessoas, eventos e atividades significativas a eles”<sup>1</sup> (IRVINE; GAL, 2000, p. 35). Assim, busca-se evitar pressupor que o pesquisador sabe melhor quais são as variáveis importantes que operam em uma população (GAL, 2016, p. 131), priorizando a perspectiva dos próprios atores sociais.

Centralizando o debate em questões de mobilidade e diversidade, na introdução de um número da revista *Applied Linguistics*, De Fina e Perrino (2013) apontam para a relevância da reflexão crítica sobre relações entre identidade e linguagem em contexto de globalização,

---

<sup>1</sup> Esta e outras citações de textos originalmente publicados em inglês aparecem aqui em tradução livre por mim realizada para o atual trabalho.



as quais implicam mudanças na maneira como fenômenos de linguagem são estudados. São quatro os tópicos listados pelas autoras como pontos de atenção:

1. Complicações na distinção ‘micro-macro’, pela introdução de distinções e dinâmicas de escala mais fina;
2. Crítica à visão de que comunidades de fala sejam relativamente homogêneas, compartilhando repertórios linguísticos e crenças, e presas a locais específicos;
3. Ênfase na tensão entre homogeneização e diferenciação nas práticas, ideologias e identidades de linguagem;
4. Reavaliação crítica da concepção de línguas como códigos facilmente separados uns dos outros e ancorados em comunidades de fala distintas e estanques. (p. 510)

Buscando abordar o tema com sensibilidade a esses tópicos, este trabalho aproxima-se ao que Jaffe (2011, p. 220) chama de “abordagem baseada em repertórios”, referindo-se a repertórios linguísticos mobilizados para a atuação em mercados sociolinguísticos complexos e imprevisíveis. Mercados sociolinguísticos são definidos por Bortolini, Garcez e Schlatter (2015) como

uma arena de ação social em que conjuntos inter-relacionados de práticas linguísticas e expressivas, de natureza simbólica ou instrumental, são associados a valores econômicos, conforme são apropriados pelos agentes, conformando assim repertórios linguísticos desiguais no âmbito da ação social e da apropriação competitiva de recursos materiais (p. 163).

A associação de recursos linguísticos e econômicos aparece em Heller (2010, 2011) na defesa de que se preste atenção às mudanças causadas pela chamada nova economia globalizada, associadas ao neoliberalismo e reconfiguração de fluxos transnacionais. Para isso, a autora defende “uma abordagem etnográfica da Sociolinguística como forma de prática crítica, informada pela economia política” (HELLER, 2011, p. 10). Atento a aspectos de economia política relacionados a estudos sociolinguísticos contemporâneos que buscam compreender ideologias de linguagem em relação a interesses políticos e Estados-nações (HELLER; MCELHINNY, 2017), este trabalho de conclusão de curso vê classe social como conceito-chave, entendido como fenômeno complexo e multidimensional, constituído por condições econômicas, socioculturais, comportamentais e espaciais (BLOCK, 2017) relacionadas à distribuição de recursos tanto materiais quanto simbólicos (COLLINS; RAMPTON, 2017). Com efeito, na definição de Giddens e Sutton (2016), classe social é definida como “posição relativa de grandes grupos sociais, definida em relação à ocupação, posse de propriedades e riqueza ou escolhas de estilo de vida” (p. 143).

Park e Wee (2017) sugerem que se considere a multiplicidade de experiências transnacionais com relação a classe social para permitir um aprofundamento no estudo de condições estruturais produtoras de desigualdade, sem deixar em segundo plano o fato de que pessoas migram por diferentes motivos, com diferentes prioridades e restrições em suas experiências. Em relação a práticas de linguagem e a experiência desses migrantes como cidadãos, um foco em classe social seria útil para refletir sobre como as posições ocupadas por eles nas estruturas de produção do capitalismo global se relacionam com interpretações ideológicas sobre o valor de seu capital linguístico. Apesar de não buscar aprofundamento no debate sobre a conceituação de classe social frente a diversas perspectivas teóricas e em relação a mudanças no sistema de produção capitalista no âmbito da globalização, opero com o conceito de classe social previamente citado como modo de compreender questões sobre relações entre distribuição de recursos e ideologias de linguagem.

É nesse quadro geral que busco estudar ideologias de linguagem – ou posições dos falantes em relação a suas práticas linguísticas – de estudantes e famílias de migrantes brasileiros em Toronto, mais especificamente em relação a discursos de (des)valorização da língua portuguesa e de repertórios multilíngues associados ao reconhecimento de valorização do multilinguismo pelo Estado canadense a partir da análise de entrevistas do acervo gerado em etnografia multissituada realizada por Garcez no ano acadêmico de 2015-2016 (Garcez, 2015).

Organizo minha escrita em quatro capítulos. Neste capítulo introdutório, procurei situar a pesquisa no quadro teórico amplo de estudos da linguagem e mencionar a relevância do contexto canadense. No segundo capítulo, apresento o acervo de dados etnográficos utilizado, bem como os procedimentos metodológicos adotados e apresento revisão de literatura sobre migrantes brasileiros em Toronto e o mercado de trabalho na cidade. Na terceira parte, com base em excertos de três entrevistas, apresento a análise de dados que trata de perspectivas de valorização e manutenção da língua portuguesa em relação a perspectivas de inserção no mercado laboral em Toronto. Por fim, o quarto capítulo trata das considerações finais, em que apresento as conclusões e limitações do estudo.

## 2. MIGRANTES BRASILEIROS E O MERCADO DE TRABALHO EM TORONTO

Neste capítulo, apresento inicialmente o acervo de dados e explico a metodologia de análise e delimitação das perguntas de pesquisa e dos dados analisados para o presente estudo. A seguir, relato brevemente publicações que tratam do mencionado acervo e outros estudos de cunho etnográfico sobre falantes de português e o mercado de trabalho em Toronto. Por fim, centralizo a discussão em torno de economia política e classe social, destacando o conceito de alienação.

### 2.1 DEFINIÇÃO DE OBJETIVOS DE PESQUISA E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho de conclusão de curso segue metodologia de pesquisa qualitativa interpretativa, que adota processos metodológicos alinhados à etnografia sociolinguística crítica (HELLER, PIETKÄINEN; PUJOLAR, 2018) e à etnografia da linguagem (GARCEZ; SCHULZ, 2015). Os dados a serem analisados fazem parte do acervo gerado em etnografia multissituada realizada por Garcez no ano acadêmico de 2015-2016 (GARCEZ, 2015) para o projeto *Práticas transnacionais e escolarização multilíngue de falantes de português em Ontário, Canadá*.

O conjunto total de dados é composto por diários de campo, fotografias e entrevistas em áudio ou vídeo realizadas a partir de contato com migrantes brasileiros em Toronto em quatro diferentes sítios: grupo “Conversa com Qualidade”, no qual migrantes brasileiros se reúnem mensalmente em torno de palestra com tema relevante a eles; “Ready, Set, Learn”, uma ONG que promove atividades de reforço escolar para falantes de português; um grupo de convivência de pais (homens) falantes de português; e, por fim, três escolas de uma das redes públicas de Toronto, sendo duas escolas primárias (“Escola Primária 1” e “Escola Primária 2”) e uma escola secundária (“Escola Secundária”) nas quais foram entrevistados estudantes identificados como brasileiros e também professores e funcionários.<sup>2</sup>

O presente relatório segue os mesmos objetivos gerais do que foi estabelecido no projeto de pesquisa de Garcez (2015), a saber: “desenvolver compreensões acerca das práticas de

---

<sup>2</sup> Para maiores informações sobre o trabalho de campo, ver Garcez (2018).

linguagem e rotinas de escolarização multilíngue na experiência contemporânea transnacional de migrantes brasileiros falantes de português na região de Toronto, Ontário, Canadá” (p. 4) Há também alinhamento com os objetivos específicos do projeto de flagrar práticas de linguagem de estudantes brasileiros falantes de português em escolas de educação básica no Canadá e buscar aprofundamento em discussões sobre linguagem, identidade e economia política em contexto de globalização. Para a realização da pesquisa, Garcez obteve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-UFRGS). O exame dos dados para fins da elaboração deste trabalho de conclusão de curso foi aprovado pelo CEP-UFRGS na forma de emenda ao projeto de pesquisa principal.

Partindo dos temas para análise levantados por Garcez (2015), este trabalho busca desenvolver conhecimentos acerca de “diferentes orientações e identidades de classe social, por um lado, e o uso e manutenção do português como língua corrente entre as famílias e estudantes de origem brasileira na região de Toronto” (p.43). O foco específico se dá em discursos que tratam da (des)valorização da língua portuguesa em relação a percepção (ou não) da sua relevância no repertório desses migrantes para obtenção de recursos na economia política canadense, especialmente em relação a perspectivas de inserção no mercado de trabalho. Para guiar o estudo, foram elaboradas as seguintes perguntas:

1. O que os relatos sobre valorização ou não do português e sobre perspectivas de manutenção ou não da língua entre os estudantes entrevistados revelam sobre a relação entre ideologias de linguagem e a distribuição de recursos políticos e econômicos relacionados à língua?
2. Como classe social opera como conceito relevante para compreender os diferentes posicionamentos em relação à língua portuguesa apresentados pelos participantes?
3. É possível, a partir dos relatos dos participantes, observar relações entre classe social, ideologias de linguagem e perspectivas de mobilização de repertório multilíngue para obtenção de vantagens na economia política em que os participantes se inserem?

Com essas perguntas em mente, direcionei o olhar para as entrevistas realizadas com estudantes nas escolas de uma rede pública de Toronto e as entrevistas realizadas com famílias participantes do grupo *Conversa com Qualidade*, todas com filhos em idade escolar. Os adultos nas famílias dos estudantes entrevistados nas escolas exerciam atividades profissionais pouco especializadas, enquanto os adultos entrevistados a partir do grupo *Conversa com Qualidade* exerciam atividades que demandavam maior especialização. Apesar de simples e incipiente, a

categorização a partir da ocupação dos adultos dos grupos familiares pareceu relevante para iniciar uma reflexão sobre perspectivas de inserção no mercado de trabalho relacionadas a práticas de linguagem e identidades de classe social.

Para análise, as entrevistas passaram primeiramente por um processo de decupagem, no qual foram sistematizadas e segmentadas a fim de flagrar trechos relevantes ao estudo – ocupação dos adultos do grupo familiar, identificação como falantes de português, uso da língua em práticas cotidianas, contato com outros falantes de português e valor atribuído ao idioma. O principal foco se deu em trechos que tratam de posições de (des)valorização da língua portuguesa no repertório linguístico dos participantes, especialmente aqueles que abordavam relações entre língua e mercado de trabalho.

A seguir, trechos pertinentes à análise foram transcritos simplificada e segundo as convenções de transcrição de Jefferson (GARCEZ; BULLA; LODER, 2014). No capítulo seguinte, serão apresentados dados de três entrevistas e minhas asserções analíticas. Antes disso, porém, apresento na seção seguinte uma breve revisão de literatura sobre estudos de linguagem entre falantes de português em Toronto em relação à inserção no mercado de trabalho na cidade.

## 2.2. PRÁTICAS DE LINGUAGEM DE FALANTES DE PORTUGUÊS EM TORONTO

Este trabalho se alinha a estudos que, por meio de dados etnográficos, buscam desenvolver compreensões acerca de práticas de linguagem entre falantes de português em Toronto, inserindo-se em discussão contemporânea sobre língua(gem) em tempos de grande mobilidade e diversidade – especialmente em discussões sobre como essas práticas operam na experiência de pessoas que vivenciam e trabalham sob as condições de uma nova economia globalizada. Primeiramente, apresento nesta seção uma revisão dos estudos feitos por Garcez, Dias e Bess (em preparação) e Garcez (2018), os quais partem de análise dos dados do acervo de Garcez (2015); e também de Brasch (2007), Sega (2013) e Allan (2014), os quais estudaram relações entre as posições ocupadas por trabalhadores em Toronto e a produção de discursos sobre suas trajetórias como migrantes na cidade.

### 2.2.1. - Publicações desenvolvidas no âmbito do projeto de pesquisa Práticas transnacionais e escolarização multilíngue de falantes de português em Toronto, Canadá:

Garcez, Dias e Bess (em preparação) investigam como discursos de *pride* (orgulho) e *profit* (lucro) relacionam-se com atribuições de valor e perspectivas de manutenção da língua portuguesa entre famílias e estudantes brasileiros que vivem em Toronto, Canadá. Essa categorização parte de Heller e Duchêne (2012), que apresentam discursos de orgulho (*pride*) como associados a relações identitárias entre sujeito e língua, e discursos de lucro (*profit*) como discursos que apresentam relações econômicas entre sujeito e língua, mobilizados especialmente em termos de *soft skills*. Essa articulação traça mudanças em concepções sobre linguagem ao longo de mudanças no sistema capitalista – da centralidade do Estado-nação como gestor do mercado sob sua jurisdição à globalização, do capitalismo industrial ao capitalismo tardio – e, apesar de não implicar ruptura ou continuidade necessária entre os dois tipos de discursos, tais categorias são úteis para reflexão sobre ideologias de linguagem e economia política.

Discursos de orgulho se relacionam ao capitalismo industrial, em que o Estado nacional era o principal responsável pela regulação de mercados, e para ter acesso a eles, era necessário ser falante da língua desse Estado. Com a saturação dos mercados nos limites nacionais e a expansão pela busca de novas fontes de produção e consumidores, o capitalismo tardio é marcado pela flexibilização e terciarização, em que companhias abrem e fecham novas sedes ao redor do mundo, e o setor de serviços e informações se torna central para sustentar essas operações. As mudanças na organização da produção demandam um trabalhador que também seja flexível, disposto a mudar-se para diferentes locais e que, além de habilidades técnicas, disponha de *soft skills* voltadas para o mercado de trabalho (URCIUOLI, 2008). É nesse cenário de mobilidade que a linguagem (ou as habilidades linguísticas, languageiras, com idiomas, *language skills*) torna-se competência importante a ser ofertada para integração ao mercado de trabalho em discursos de lucro.

No estudo de Garcez, Dias e Bess (em preparação), observou-se que todos os entrevistados apontam para a importância do português para manter contato com a família e com outros falantes; no entanto, há também relatos que associam vantagens do domínio de português como valor agregado em um repertório multilíngue. A possibilidade de obtenção de vantagens a partir da língua portuguesa, no entanto, se apresenta em maneiras e escalas diferentes entre os participantes observados: há relatos em que o português é valorizado localmente, no contato com redes de trabalho entre outros falantes de português na cidade, e globalmente, como habilidade valorizada pelo mundo corporativo. Como sugerido por Garcez (2018), tais diferenças podem estar associadas a identidades de classe social.

O estudo de Garcez (2018) examinou a categoria *estudante falante de português* no que diz respeito a estudantes de famílias migrantes de origem brasileira na cidade. Mais do que se referir a estudantes que falam português cotidianamente, a categoria *estudante falante de português* é utilizada por direções escolares em Toronto para identificar luso-canadenses marcados por insucesso escolar. Garcez menciona o cenário apresentado por Silva (2015) do que chamou de “mercado português/lusófono de Toronto:

O mercado português de Toronto também opera dentro de um mercado dominante anglófono maior no Canadá que está dividido em muitas linhas que incluem classe, etnicidade, raça, língua e histórico de migração. O resultado é um mercado sociolinguisticamente estratificado com múltiplas hierarquias. Nesse caso, o português fica posicionado como língua subordinada dado que, entre outras coisas, os seus falantes têm ocupado principalmente empregos de classe trabalhadora desprestigiados e não têm assumido posições de poder nucleares, nas quais marcas de prestígio e poder são falar inglês padrão “sem sotaque” e alinhar-se com uma cultura canadiana branca anglo-saxã e des-etnicizada. (p. 189-190)

Nesse quadro, o estereótipo do português que é operário, trabalhador de construção civil, opera como traço de estigma para um grupo organizado na categoria linguística “falante de português”. Em particular, Garcez busca examinar a categoria *estudante falante de português*, a qual é vista como pauta preocupante pelas direções escolares de duas redes públicas da cidade devido ao baixo desempenho escolar e altos índices de evasão em escola secundária desse grupo. Nota-se que, no guarda-chuva do rótulo “falante de português”, estariam incluídos migrantes brasileiros e de outros países lusófonos, tratados indistintamente no conjunto de estudantes vistos como problemáticos.

Com o interesse de caracterizar quem são estudantes e famílias de migrantes brasileiros em Toronto e como se relacionam com os luso-canadenses na cidade, Garcez (2018) analisou entrevistas com famílias e estudantes brasileiros na cidade. O exame de dados apontou para relações entre diferentes ideologias de linguagem e local de moradia e ocupação dos participantes. O estudo relatou que entrevistados de famílias que exercem atividades profissionais menos qualificadas (entrevistas realizadas na Escolas e programa de reforço escolar) se aproximariam de uma etnoclasse falante de português, vendo a língua como meio de obter recursos localmente e em relação direta com outros falantes de português em Toronto. Já os estudantes de famílias que exercem atividades mais qualificadas (membros do grupo *Conversa com Qualidade*) residem em áreas mais distantes da comunidade portuguesa em Toronto e apresentam também discursos que valorizam a habilidade de falar português como vantagem competitiva no mercado de trabalho global.

A Figura 1 apresenta o endereço residencial da maioria dos entrevistados em um mapa parcial da cidade de Toronto e permite observar uma maior concentração das famílias do grupo

Conversa com Qualidade na área superior direita, ao noroeste do centro histórico de Toronto. Já a maior parte dos entrevistados das Escolas e no reforço escolar estão mais próximos do centro histórico, identificado como área de ocupação de migrantes portugueses desde os anos 1950 (TEIXEIRA; MURDIE, 2009, p. 193).

Figura 1 – Localização das escolas e residências dos estudantes e suas famílias



Fonte: Garcez (2018, p. 737)

O conceito de etnoclasse é resgatado de Heller, Bell, Daveluy, McLaughlin e Noël (2016) e refere-se a “uma categoria que legitima relações de classe em bases culturais”, referindo-se a “contingentes laborais mobilizáveis, definidos culturalmente, produzidos por formas coloniais e pós-coloniais de capitalismo” (p. 63). Segundo esses autores, tratar de grupos de trabalhadores em categorias culturais colocaria aspectos econômicos em segundo plano, fortalecendo a solidariedade dentro de grupos étnicos e, no entanto, enfraquecendo a capacidade de formar alianças com base em reivindicações econômicas entre grupos culturais em posições semelhantes. A partir disso, Garcez (2018) propõe haver em Toronto uma etnoclasse associada a descendentes de portugueses, tipicamente ocupados em atividades pouco especializadas (construção civil e limpeza), marcados por insucesso escolar. Com base no exame das



entrevistas, entretanto, observou-se que aspectos de classe social são relevantes para refletir sobre a interação dos migrantes observados com essa etnoclasse, trazendo atenção para relações entre aspectos econômicos e posturas sobre língua e linguagem, e, assim, reforçando *classe social* como conceito relevante

### 2.2.2 - Migrantes e o mercado laboral de Toronto

Os estudos mencionados apontam para a relevância de atentar para a relação entre as práticas de linguagem dos migrantes brasileiros estudados e as posições que ocupam no mercado de trabalho. Mais do que a ocupação em si, é necessário refletir sobre condições de trabalho, circulação em determinados espaços, redes de relacionamento engendradas e condições de acesso a recursos materiais e simbólicos possibilitadas pela atuação profissional dos sujeitos. Brasch (2007) e Segal (2013) realizaram estudos etnográficos sobre as relações entre posições ocupadas por migrantes brasileiros em Toronto e a produção de discursos sobre as suas trajetórias como migrantes na cidade, mostrando como relações de integração (ou não) desses migrantes ao mercado de trabalho canadense envolvem um conjunto complexo de relações interpessoais e formulações de discursos identitários que posicionam o migrante no mercado laboral da economia do país.

Allan (2014) analisou o problema de subemprego entre migrantes qualificados em Toronto, observando como essa questão é formulada como um problema individual de falta de habilidades necessárias para integração à cultura de trabalho canadense hegemônica (branca, ocidental e de classe média alta) em vez de um problema estrutural da economia política do país. A autora aponta ainda que habilidades linguísticas são chave para a integração à sociedade canadense, citando como exemplo um relatório do governo que sugeria que migrantes que não apresentavam proficiência adequada em inglês ou francês ficariam presos a “enclaves étnicos”, ocupando postos com baixos salários. Segal (2013) parece observar essa percepção em seu estudo sobre redes de migrantes brasileiros, ao afirmar que

no horizonte social da cidade de Toronto, os brasileiros indocumentados são percebidos como aqueles que moram no bairro português, trabalham para os portugueses, têm pouca fluência no idioma inglês e possuem características físicas mais próximas dos identificados como latinos, esses outros brasileiros, os documentados, passam despercebidos inclusive entre os próprios brasileiros (até começarem a falar, lógico). (p. 114)

Em sua tese, Brasch (2007) analisa como classe social e *status* de migração influenciam redes transnacionais de migrantes brasileiros e estratégias de inserção de brasileiros na economia canadense. A autora agrupa os participantes em documentados, não documentados e

aqueles que fizeram a transição de não documentados para documentados. Ser migrante não documentado, ou seja, não ter um visto legal para moradia e trabalho no Canadá, associa-se à ocupação de cargos com pouca especialização; no entanto, estar documentado não é sinônimo de ocupação de cargos que demandam especialização – o que é corroborado pelo estudo de Segal (2013) e pelo exame dos discursos dos participantes deste estudo.

O estudo de Brash (2007) concluiu que migrantes não documentados apresentam redes de contato mais fortes com outros migrantes brasileiros e portugueses devido às restrições de acesso a recursos no *mainstream* canadense (redes de migrantes documentados e serviços estatais, por exemplo). A autora ainda também destaca que as áreas majoritariamente acessadas por esses grupos são as de serviços na construção civil e serviços de limpeza, dominadas por portugueses. Já os migrantes documentados, apontou a autora, são mais seletivos em suas redes, almejando integração à sociedade canadense. Nesse sentido, “o acesso a redes de migrantes portugueses nem sempre é útil para brasileiros com ambições profissionais que não desejam entrar nas indústrias de limpeza e construção” (p. 319).

Allan (2014, p. 19) ressalta que a cultura desejada para integração de migrantes à sociedade canadense é vista como não marcada, normativa. Assim, para ser um migrante bem sucedido, é necessário aprender a incorporar valores, comportamentos e personalidades vistos como desejados pela cultura de trabalho e sociedade canadense no geral – como flexibilidade, empreendedorismo e senso de retribuição à nação (*give back to the nation*). Tais aspectos, mais do que formar um trabalhador adaptável a demandas laborais, moldam um sujeito que toma para si a responsabilidade sobre a falta de segurança no mercado de trabalho e apaga questionamentos sobre aspectos geradores de desigualdade social dentro da estrutura desse próprio mercado.

A habilidade com línguas é então valorizada conforme pode ser mobilizada como habilidade (discursos de lucro). O domínio de línguas oficiais torna-se essencial para a integração econômica e social do imigrante na sociedade canadense, enquanto outras línguas são valorizadas conforme podem servir como “valor agregado” para ação na economia globalizada. Pensar em repertórios multilíngues dos migrantes brasileiros aqui em pauta se torna uma tarefa complexa ao considerarmos o valor associado ao português no contexto histórico de Toronto. Com efeito, Brash (2007) menciona que não se trata apenas de pensar nas estratégias de posicionamento dos migrantes e de suas interações, mas que é necessário considerar que identidades também podem ser impostas por meio de práticas discursivas, o que inclui a possibilidade de construções negativas influenciadas por ideologias produtoras de diferença. Essa imposição de identidades, como a do falante de português associado a baixo

desempenho escolar e a cargos de pouca estabilidade, pode ser reveladora de distribuições de desiguais de poder em espaços sociais.

Estratégias discursivas que categorizam migrantes como diferentes ou os separam do *mainstream* ao sugerirem que seus atributos sociais (e por extensão as pessoas) são menos valorizados enquadrando questões estruturais como resultado do isolamento de migrantes em grupos étnicos e da falta de habilidades linguísticas para integração à sociedade, e não como dispositivos integrantes de um sistema político e econômico. É nesse sentido que busco refletir sobre maneiras como estudantes brasileiros e suas famílias apresentam diferentes ideologias de linguagem em relação a mobilização da língua portuguesa com vistas à inserção no mercado de trabalho. Antes de apresentar minha análise, retomo na próxima seção a importância de tratar de questões de economia política a partir do conceito de classe social – reflexão que conduzirá o exame de dados do próximo capítulo.

### 2.3. PERSPECTIVAS EM LINGUAGEM E IDENTIDADE: ECONOMIA POLÍTICA E CLASSE SOCIAL

Como já apresentado, este trabalho tem como foco central a noção de classe social e como ela pode se relacionar com diferentes ideologias de linguagem apresentadas por sujeitos migrantes. Nessa linha, Block (2017) defende que se adote uma perspectiva interdisciplinar e multidimensional no estudo de classe social, economia política e migração. Para o autor, nessa abordagem, migrantes não seriam representados apenas em termos de raça, etnia, hierarquias de gênero ou cultura, mas também em termos das condições materiais de suas vidas e como eles se inserem em sistemas de classe tanto nos países de origem quanto na sua residência atual (p. 139). A ênfase do autor no estudo de condições materiais e posições do falante se dá a partir da observação de que há poucos estudos que tomam essa perspectiva na área da Linguística Aplicada, enquanto a maioria dos estudos sobre migração e linguagem aborda o tema em perspectivas que priorizam aspectos culturais – nos quais Block enquadra os estudos de autores como Heller e Duchêne aqui previamente mencionados.

Ciente dessa observação sobre diferentes abordagens a estudos de língua e economia política, a articulação das noções de classe e etnoclasse no exame de entrevistas que tratam de perspectivas de valorização e manutenção do português entre estudantes e famílias de migrantes brasileiros em Toronto, Canadá, parece evidenciar o conceito de “alienação” na maneira como ele se fez presente na literatura sociolinguística apresentada. Na visão materialista de Block (2014), que enfatiza as condições materiais de falantes e como eles são posicionados na

sociedade, o conceito de alienação aparece em perspectiva marxista, em termos de que o trabalhador não se relaciona com o resultado de seu trabalho, visto com algo externo ao sujeito, fenômeno em geral relacionado com ocupação de postos de baixa remuneração e pouca segurança, servindo para formação de mão de obra itinerante pouco especializada. Em relação a práticas de linguagem, é possível que esses falantes não considerem seus repertórios multilíngues como valiosos na economia política em que se inserem.

Em uma perspectiva culturalista, a concepção de indivíduo como “feixe de habilidades” (*bundle of skills*) ofertáveis no mercado de trabalho (URCIUOLI, 2008) em contexto de mercantilização da linguagem como produto na economia globalizada, habilidades linguísticas, ao circularem como *commodities*, apontam para relações econômicas entre sujeito e língua, podem ser vistas como alienadas do indivíduo. Conforme separadas de aspectos identitários, essas habilidades potencialmente valiosas podem assumir diferentes valorações ao circularem no mercado e serem indicativas de desigualdade social.

A análise de ideologias de linguagem e classe social, relacionadas ao conceito de alienação no âmbito de posições de (des)valorização da língua portuguesa e manifestações de atenção a demandas do mercado de trabalho canadense e o que isso revela sobre questões de desigualdade social é o busco examinar no próximo capítulo a partir da análise de entrevistas. Há também, nesse sentido, um objetivo de exploração conceitual, ainda que inicial, do conceito de “alienação”, ainda que inicial e partido da maneira como ele se fez presente em literatura sociolinguística recente.

### **3. PERSPECTIVAS SOBRE ATRIBUIÇÕES DE VALOR AO PORTUGUÊS ENTRE ESTUDANTES E FAMÍLIAS DE MIGRANTES BRASILEIROS EM TORONTO CANADÁ**

Conforme apresentado previamente, este relatório dialoga com estudos sociolinguísticos contemporâneos que buscam compreender ideologias de linguagem em relação a interesses políticos e econômicos de pessoas, grupos e estados-nações (HELLER; MCELHINNY, 2017) e tem como objetivo examinar ideologias de linguagem em função de aspectos de economia política a fim de compreender práticas sociais de linguagem entre famílias de migrantes brasileiros em Toronto, Canadá. Mais especificamente, busca articular narrativas de atribuições de valor ao português e estratégias de uso e manutenção da língua com aspectos de ideologias de linguagem e classe social.

A expectativa que norteou o exame das entrevistas é a de que diferentes identidades de classe social poderiam estar relacionadas a diferentes manifestações de ideologias de linguagem sobre uso, manutenção e valorização da língua portuguesa. Mais do que isso, a partir do conceito de alienação, considero que, se alienadas do sujeito, que não atribui valor a seu repertório multilíngue como possibilidade de obtenção de vantagens econômicas, essas habilidades linguísticas potencialmente valiosas podem ser indicativas de facetas da desigualdade social.

O estudo de Garcez (2008) corrobora essa expectativa, mostrando que migrantes brasileiros com menor qualificação profissional se aproximam de uma etnoclasse “falante de português”, com formações mais intensas de redes pan-lusófonas em Toronto. Já migrantes com atividades profissionais que demandam maior qualificação se afastam desse perfil, residindo em áreas distantes da concentração de migrantes portugueses e apresentam discursos que valorizam o português como uma habilidade competitiva para obtenção de vantagens no mercado global. Como um todo, acredito que a análise a ser feita neste trabalho de conclusão pode complementar o trabalho de Garcez (2018) na medida em que explora centralmente a noção de classe social e discursos que apresentam relações econômicas entre sujeito e língua (discursos de *profit/lucro*) ligadas ao posicionamento de estudantes e famílias migrantes brasileiras em Toronto em relação a ideologias de linguagem referentes à integração no mercado laboral gerido pelo Estado canadense.

O exame de entrevistas que será apresentado aqui se organiza em duas partes. A primeira seção observa dados de uma família de migrantes brasileiros em Toronto participantes do grupo

Conversa com Qualidade e de uma família cujo filho estuda em uma rede pública de Toronto e frequenta o programa de reforço escolar Ready, Set, Learn. Essa primeira parte busca tratar de diferentes posições de valorização da língua portuguesa e investimentos para manutenção do idioma. A segunda parte traz dados da entrevista com uma participante do Grupo Conversa com Qualidade que também atua como professora de Português em escola pública de Toronto e observa as percepções e posicionamentos da entrevistada em relação à etnoclasse.

### 3.1 DIFERENTES EXPERIÊNCIAS COMO MIGRANTES E DIFERENTES ATRIBUIÇÕES DE VALOR À LÍNGUA PORTUGUESA ENTRE FAMÍLIAS FALANTES DE PORTUGUÊS: *MAINSTREAM* CANADENSE E ETNOCLASSE

A primeira aproximação que faço aqui é a da família de Adriana, artista visual de 38 anos de idade à época da entrevista e uma das organizadoras do Conversa com Qualidade. O grupo familiar de Adriana é composto por seu marido César, de 46 anos, que atua como analista de métricas em uma multinacional de tecnologia da informação, e a filha deles, Celeste, de cinco anos. Como o título (talvez desconhecido) sugere, analista de métricas é uma ocupação altamente especializada, que consiste em analisar dados de empresas com vistas a direcionar investimentos. Os três vivem em uma cidade próxima de Toronto, afastados da comunidade brasileira e portuguesa. O contato com brasileiros se dá a partir de amigos e contatos do trabalho da Adriana e por eventos da comunidade que ela organiza. Celeste frequenta jardim de infância e não tem contato com falantes de português na escola.

César mudou-se para Toronto quatro anos antes de Adriana, já empregado na atual companhia em que trabalha. Na entrevista, ele relata que, logo que se mudou, ficou estabelecido próximo a comunidade portuguesa e brasileira, mas não mantinha contato por causa das longas horas de trabalho. Com o passar do tempo, a chegada de Adriana e o nascimento de Celeste, foram se afastando da região, ou como menciona, “indo cada vez mais ao norte”. Na entrevista, Adriana comenta não ter contato com a comunidade portuguesa em Toronto e seu contato com brasileiros se dá principalmente por causa do grupo Conversa com Qualidade ou em outras interações profissionais – inclusive reforça que os eventos que frequenta são trabalho e não lazer. César também diz que atualmente só tem contato com a comunidade portuguesa e brasileira (referindo-se a área de concentração de brasileiros junto à Little Portugal) para comprar produtos típicos brasileiros disponíveis apenas na região.

Sobre a adaptação inicial, César relata uma preparação intensa por seis ou oito meses para “absorver a cultura” e preparar-se para o mercado de trabalho. Por já estar empregado, é

possível pensar que a adaptação a qual ele se refere não está diretamente relacionada com a inserção no mercado laboral, mas sim com adaptação aos valores desse mercado canadense. Aproximando-se aos valores de flexibilidade e empreendedorismo apresentados por Allan (2014) como característicos do migrante ideal no Canadá, César compara a sua experiência como migrante ao empreendedorismo, mencionando que “se você planeja, você consegue saber os passos para onde está indo”. Ao comparar a experiência pessoal com a de outros migrantes na cidade, César destaca aspectos de integração à sociedade canadense relacionados ao domínio do idioma:

- Pedro            como é que tu compararia a experiência de vocês com (.) outras- outros brasileiros chegados ao Canadá, mais ou menos com o mesmo tempo de vocês (.) ahn (.) tu acha que a tua experiência é típica, ela é atípica bem particular, como é que é? (.) como é que se compara?
- César            eu, não tenho esse número eu gostaria de ter esse número=
- Pedro            =°mhm°=
- César            =até pra saber mas eu acho que isso varia muito depen- dependendo do tipo de especialização que você tem, com que você teve planejado e quer atingir aqui
- Pedro            bom, vocês são altamente especializados certo?
- César            [°hm°]
- Pedro            [e já] chegaram assim aqui né
- César            mhm
- Pedro            ahn então se eu entendo tu tá dizendo que gente que chega com menos especialização vai ter outra experiência certo?
- César            pode ter outra especialização mas eu acho que tudo depende independente da especialização que você tem ou da área que você atua, eu acho que tem tudo também a ver com adaptação da língua. eu acho que primeiro lugar
- Pedro            mhm
- César            independente do que você faça (.) se tem ou não muita oportunidade na área ou não. ah tem tem muita- essa coisa da experiência canadense é muito importante. as pessoas n- às vezes não dão muita atenção pra isso
- Pedro            mhm
- César            engraçado que a pes- a primeira pessoa que- que- que o dono da casa na qual eu morei, ele falou uma coisa muito importante. que (no Canadá) existe uma curva de- de- de entrada no país- entrada no país é na- entrada no aspecto de você se sentir totalmente confortável, de você tocar sua vida normalmente como qualquer cidadão
- Pedro            mhm
- César            com tudo. né você tem seu banco, você tem sua

- vida, você tem seu emprego ou não tem emprego mas poder viver tranquilamente (.) com a certeza de que você sabe como sistema funciona demora até três anos
- Pedro mhm,  
César (a pessoa completamente) af- depois de três anos (.) ela totalmente se sente à vontade, e totalmente integrada à sociedade
- Pedro mhm  
César acho que esse é o ponto (.) como você se integrar na sociedade e integrar na sociedade tem o aspecto de você estar trabalhando, no na- área que você quer, como você quer (.) ela varia depende da necessidade do mercado e na indústria onde você atua
- Pedro mhm  
César onde eu já vi pessoas que chegaram, já chegaram trabalhando, com o inglês totalmente ainda a vinte por cento da capacidade
- Pedro mhm  
César >pra você ter uma ideia< a vinte por cento da capacidade do- do- do uso da língua correta
- Pedro °mhm°  
César com vinte por cento, quer dizer, é bastante é- é- é- challenging mas (.) ainda é possível (.) mas é pela qualificação é pelo que você conhece (.) um engenheiro, você nesse caso é diferente mas em geral a gente percebe que existe uma diferença depende da indústria onde você tá. mas acho que o- o ponto mais importante que eu notei é que as pessoas realmente demoram muito mais (.) principalmente nas áreas mais a- onde você atua no lado social, onde você precisa lidar com pessoas.
- Pedro mhm  
César gerentes de projetos, né, analistas de negócios,

O domínio de inglês é visto como essencial para a integração à sociedade canadense e há um caminho, um período de adaptação a essa sociedade que passa pelo desenvolvimento das capacidades de usar o inglês. Nota-se que César vê a habilidade inglês como uma habilidade que pode ser mensurada pelo uso no trabalho (“vinte por cento de capacidade”) e também que, ao refletir sobre a sua experiência em relação a outros migrantes, a compara com pessoas que também exerceriam atividades que demandam especialização. Na sequência, César complementa a questão de adaptação e preparação ao mercado de trabalho, mencionando o multiculturalismo canadense:

- César exatamente por ser multicultural, todo mundo já conhece o sistema. porque são várias etnias
- Pedro mhm



César gente do mundo inteiro trabalhando então e o país tá acostumado com isso então eles sabem exatamente em que patamar e como levar (.) dependendo de como você se- se adapta e responde a essas dificuldades, ou tarefas, ou a- a- qualquer tipo de (.) por exemplo, reuniões e entrevistas, da maneira como você responde e atua. eles já sabem

É possível observar que César vê o multiculturalismo como algo positivo para lidar com a presença de múltiplas etnias no mercado de trabalho e que ser bem sucedido passa por aprender a responder às suas demandas e como se comportar dentro dessa sociedade. Integrar-se, então, passa por desenvolver o tipo correto de relação entre o indivíduo, o Estado e a economia (ALLAN, 2014).

Garcez, Dias e Bess (em preparação) também analisaram a entrevista da família de César, Adriana e Celeste e apontaram que a manutenção do português é vista como algo importante para a filha – que apesar de a família falar a língua em casa na maior parte do tempo, tem preferido comunicar-se em inglês, idioma que ela fala na escola e com amigos da sua idade. Sobre isso Adriana diz que “é uma vergonha ter o passaporte e não falar a língua”. César também concorda com a importância de Celeste manter o português, dizendo que é importante ter uma segunda língua e também para interagir com os familiares. Perguntados especificamente sobre as vantagens de ser falante de português na experiência como migrantes brasileiro em Toronto, César e Adriana mencionam o caso da irmã de Adriana, madrinha de Celeste, a qual, por ser falante de português, conseguiu um emprego em uma multinacional nos Estados Unidos, apesar de apresentar dificuldades com a língua:

Adriana eu vou dar o exemplo da minha irmã. eu tenho uma irmã que ela mudou com quinze anos para os Estados Unidos ela terminou o high school lá, fez faculdade, mestrado e o português dela não é o mais perf(hh)eito porque tipo ela perdeu muito (.) como ela foi com quinze anos tipo, ainda era muito menina então algumas coisas ela ainda se perde tipo- pra escrever, é um desastre

Pedro mhm

Adriana mas ela arranjou um emprego agora ela é diretora de logística da Companhia no sul dos Estados Unidos na sede deles lá e ela cuida da América Latina

Pedro mhm

Adriana porque ela tem o português fluente e eles tão lá agora entrando no mercado no Brasil

A partir disso, é esperado que o casal se preocupe com o fato da filha estar falando mais inglês que português e, de fato, buscaram criar condições para que Celeste tenha contato com a

língua. Relatam que, além de usarem português em casa e terem conversas regulares com parentes no Brasil, Adriana e a filha passam três meses por ano de férias no país. Mesmo assim, do mesmo modo como César investiu em aprender a língua inglesa quando se mudou para o Canadá, a família está disposta a investir em recursos para que Celeste mantenha a língua dos pais, como cursos de conversação e contratação de professores particulares. Como diz César, é preciso “encontrar maneiras, e assuntos e métodos que atraem”.

A partir da entrevista com os pais de Celeste, observamos que esse núcleo familiar altamente especializado reconhece a valorização de repertórios multilíngues pelo Estado canadense num contexto de economia global e, mais que isso, mobiliza recursos para, a partir do uso da língua (inglês e português), se inserir no mercado de trabalho e maximizar a possibilidade de vantagens obtidas. No caso de César, já empregado em empresa multinacional quando chegou em Toronto, além de já contar com o português em seu repertório, aprender inglês está ligado à integração ao mercado de trabalho, voltado para a adaptação à cultura dominante. Essa posição de César se aproxima ao que Urciuoli (2008, 2016) chama de *skills discourses*, em que, em contexto neoliberal, os trabalhadores são vistos – ou percebem a si mesmos – como um “feixe de habilidades comercializáveis” que podem ser mobilizadas com fins competitivos no mercado de trabalho.

Cabe ressaltar que Adriana também percebe o português como um item de repertório valioso para integração e obtenção de vantagens no mercado de trabalho. Artista visual, Adriana organiza os encontros do grupo Conversa com Qualidade, os quais promovem contato entre migrantes brasileiros (especializados) e estimulam a formação de redes de contato entre ele. Além disso, no momento da entrevista, ela relata ser representante do Brasil (*representative of Brazilian visual arts and culture for Canada*) em um conselho de promoção de cultura latino-americana, organizado por partidos liberais. Adriana destaca ainda que, quando participa desses eventos ligados à comunidade brasileira, é exclusivamente por razões de trabalho.

O segundo grupo familiar que apresento aqui é o de Vanessa (29 anos, trabalha com serviços de limpeza), Mauro (39 anos, trabalha na construção civil) e André (9 anos, estuda em escola da rede pública em Toronto). A família está desde 2008 em Toronto, ou seja, mudou-se para a cidade seis anos após César e dois anos após Adriana. A residência da família de César não aparece no mapa apresentado previamente na Figura 1 por morarem em uma cidade ao norte de Toronto, já a residência da família de André (representada no mapa em amarelo e identificada pelo número nove) está localizada na região do centro histórico tradicionalmente associada à comunidade portuguesa em Toronto.

André participa do programa de reforço escolar do Ready, Set Learn por causa de dificuldades com português e inglês, pois misturava as duas línguas. Mauro explica esse problema pelo fato de André estar sendo alfabetizado em inglês, língua que, nas palavras dele, ele e a esposa “não têm formação”, e por isso não podem ajudar o filho com os deveres de casa. Na escola, André também participa de um programa de apoio, frequentando classes especiais. A escola frequentada pelo menino conta com aulas de Português, e os pais sabem que há outros estudantes falantes de português, dois na sala de André. Sobre as aulas, não sabem especificar a frequência com que acontecem, se são opcionais ou obrigatórias e nem os conteúdos abordados. Em relação à participação em atividades da escola, a família diz não se envolver muito porque não tem inglês fluente:

Mauro            participar participar não, mas a gente sempre quando tem as reuniões ah:, que a professora precisa entregar o boletim >na verdade não é entregar o boletim né< é mais é falar sobre (1,3) sobre o andamento do ensino como é que é se evoluiu a dificuldade enfim a gente sempre vai nesse sentido a gente sempre acompanhou

Pedro            mhm

Mauro            a gente poderia acompanhar mais né participar lá da escola como voluntário (.) que eles- eles oferecem dão a possibilidade de isso acontecer (0,6) nós poderíamos fazer isso (0,6) se a gente tivesse o inglês um pouco mais fluente mas a gente não (0,5) não tem o inglês fluente pra- pra tá lá participando e ajudando

Mauro também relata que nesses momentos em que eles têm dificuldades com o inglês na escola, contam com a ajuda de um funcionário e também de pais portugueses. Conhecem apenas um casal de brasileiros lá. Mauro e Vanessa também contam que André se aproximou de um colega de origem portuguesa, agora as famílias se conhecem, e os filhos interagem para além da escola (futebol e *videogame* nos finais de semana). André também convive com primos brasileiros que falam português fluente. Segundo os pais, os primos e André falam entre si em inglês, mas com outros membros da família, em português. Em relação aos grupos de convivência dos pais, dizem ter uma vida social pacata, mantendo contato com a família e um pouco com as pessoas da escola de André. Têm alguns amigos brasileiros e também agora frequentam a igreja católica porque precisam fazer crisma para serem padrinhos do filho de amigos brasileiros.

Sobre a importância de falar outras línguas, acreditam ser importante que o filho fale português quando adulto para se comunicar com os pais, ter contato com pessoas no Brasil e

também porque não sabem se vão continuar no Canadá. Se ele ficar no Canadá, o português é importante, porque é um país com uma comunidade portuguesa grande, e André vai ter amigos falantes de português. Em relação a perspectivas sobre a comunidade portuguesa, os pais comentam:

Pedro           nessa região aqui como né como já ficou  
evidente do que vocês me falaram (0,4) ahm: o  
o português existe né, dá pra fazer uma boa  
parte da vida em português como é o caso de  
vocês (0,3) vocês acham que isso vai continuar?  
(0,9)

Mauro           acho que sim

Pedro           é?

Mauro           acho que sim, é (.) não não tem (0,7) não tem  
(0,8) (uma lógica) eu acho- num determinado  
momento a longo prazo quando a (1,2) a vida  
passar os velhos se forem os- os novos (0,9)  
crescerem eles vão tá falando (0,7) ah inglês  
entre eles (0,8) mas isso a longo prazo (0,8)  
é: (0,9) mas eu acho que ainda vai continuar  
por um bom tempo

Pedro           mhm

Mauro           porque (1,9) é um processo longo até a (0,8) a  
criança virar um adulto (0,9) e o velho deixar  
de tá aqui (0,7) mas ao mesmo tempo (1,0) tão  
sempre chegando novos imigrantes, tão sempre  
chegando novos imigrantes e- e novos  
portugueses (0,7) e funciona dessa maneira, a  
gente vai (1,6) sempre na comunidade portuguesa  
(0,9) no início (.) até você poder se se- loco-  
(0,9) se locomover por si mesmo entendeu (1,1)  
é:: (0,3) você tá sempre envolvido com a  
comunidade portuguesa, seja a brasileira ou  
seja a portuguesa (0,9) você tá sempre ali

Como é possível observar no excerto, Mauro reconhece que há uma comunidade falante de português, a qual chama de “comunidade portuguesa” e dá a entender que a comunidade brasileira dela faz parte. Também vê essa comunidade como fonte de obtenção de recursos e apoio para falantes de português e, como novos migrantes estão sempre chegando, a língua se manterá ativa a partir dessas redes, apesar do uso de inglês entre os mais jovens. A família de André, parece então se aproximar do que chamamos de etnoclasse “falante de português”: localizados em áreas tradicionalmente associadas a migrantes portugueses, cujos adultos ocupam cargos em limpeza e construção civil e na qual destacam-se relatos que evidenciam a circulação na cidade limitada ao contato com outros falantes de português. Além disso, relembro que André é identificado pela escola como falante de português: tem aulas da língua regularmente (oferta restrita a escolas em que há migrantes de origem lusófona) e, ao apresentar

problemas em relação ao inglês e português, foi encaminhado a um programa de reforço escolar direcionado a falantes de português.

As famílias apresentadas diferem na importância dada à manutenção da língua portuguesa. Para a família de Celeste, dominar a língua inglesa é sinônimo de integração com a sociedade canadense em termos de mercado de trabalho; o português aparece como uma vantagem competitiva também voltada para o mercado. No caso de César, investir no domínio da língua inglesa foi uma estratégia importante em sua chegada no Canadá; para o futuro de Celeste, os pais também concordam que deve haver estratégias para que ela seja falante de português – e estão dispostos a mobilizar recursos para isso. A família de André não destaca atribuições de valor para o domínio da língua inglesa como elemento crucial para o seu projeto de vida como migrante: ainda que percebem sua relevância no ambiente institucional escolar, afirmam conseguir, com ajuda, circular em português. A busca pelo reforço escolar não surgiu por uma preocupação específica com a perda de uma ou outra língua no repertório do filho, mas sim como resposta a dificuldades apresentadas por ele na escola.

O exame das entrevistas anteriores mostra dois perfis familiares bastante diferentes. Na família de César, o português é valioso para um mercado global, associado a possibilidade de mobilidade, e os membros do grupo familiar apresentam pouco contato com a comunidade portuguesa em Toronto – afastam-se da etnoclasse. Já na família de Mauro, o português é um recurso que permite a circulação e a obtenção de recursos localmente. Enquanto para a primeira família, ser falante de português é uma vantagem que expande as possibilidades de circulação em um mercado global, talvez para a segunda o mesmo rótulo restrinja as possibilidades de interação para junto da comunidade local falante de português. Por isso sublinho a relevância de termos em conta as condições materiais que plasmam essas diferenças, refletidas em diferentes ideologias de linguagem e diferentes estratégias de manutenção da língua.

A entrevista com os pais de André parece reforçar a existência de uma etnoclasse “falante de português” monolíngue, associada a migrantes portugueses, trabalhadores de construção civil ou limpeza e concentrada em espaços específicos da cidade, enquanto a família dos pais de Celeste se afasta desse perfil e se aproxima de um ideal de imigrante especializado canadense, multilíngue e disposto a investir recursos para formar-se como trabalhador flexível, empreendedor e globalmente competitivo (ALLAN, 2014). Essa perspectiva aponta para um distanciamento entre perfis distintos de migrantes, no entanto, o exame da entrevista de Leila e sua família na próxima seção busca mostrar relações de circulação entre esses dois grupos, o que pode contribuir para a reflexão sobre o conceito de etnoclasse e a relevância de se pensar nela em termos de relações de classe social.

### 3.2 CLASSE E ETNOCLASSE EM AVALIAÇÕES SOBRE O VALOR DA LÍNGUA PORTUGUESA NO REPERTÓRIO DE MIGRANTES BRASILEIROS EM TORONTO, CANADÁ

Leila, 40 anos, é casada com Ricardo, 41 anos e consultor na área de tecnologia da informação. Os dois são pais de Mateus, de quatro anos de idade, e moram na região nordeste da cidade, onde se concentram as residências da maioria dos participantes entrevistados que foram contactados por intermédio do grupo *Conversa com Qualidade*, do qual Leila é participante. À época da entrevista, o casal estava no Canadá havia 16 anos, para onde se mudaram por conta da empresa na qual o marido trabalha. Ela conta que a adaptação foi bastante tranquila, com o apoio da empresa para encontrar acomodação e assim fizeram alguns amigos brasileiros a partir de pessoas que vieram pelo mesmo programa pelo qual Ricardo foi transferido.

O grupo de convivência da família é formado por brasileiros, constituído inicialmente por contatos da empresa do marido. Em casa, os três costumam falar em português, e Mateus, que não tem contato com outros falantes de português na creche privada que frequenta, tem uma babá portuguesa que vai a sua casa três vezes por semana. Ricardo não usa português no trabalho, e Leila comenta que ele usou a língua apenas quando teve uma secretária açoriana. No entanto, ele já foi escolhido para executar projetos no Brasil por ser falante de português, e no Chile por falar espanhol devido a sua família ter origem espanhola.

Leila é formada em Pedagogia no Brasil. Quando chegaram no Canadá, ela não falava inglês. Estudou a língua por um tempo e depois conseguiu um emprego como professora de Português como língua internacional em uma das redes públicas de Toronto – a mesma rede da escola frequentada por André. A escola em que Leila trabalha atende diversos estudantes com famílias de origem portuguesa. Leila menciona que a escola fica em um local associado à migração dos primeiros portugueses na cidade, mas que foi se tornando uma área valorizada, e muitos moradores precisaram se mudar da região e foram para os subúrbios. Esse fato faz com que muitos avós portugueses – proprietários de imóveis antigos na região e que não falam inglês – sejam responsáveis por levar os netos à escola enquanto os pais das crianças trabalham. Isso faz com que Leila fale a maior parte do tempo em português no trabalho: durante as aulas, para conversar com estudantes e suas famílias, e também com funcionários na escola.


A entrevista de Leila é particularmente interessante no conjunto do acervo etnográfico devido à circulação da entrevistas entre a comunidade portuguesa e o grupo de migrantes do

Conversa com Qualidade. Mais do que isso, ela é a única entrevistada que reconhece o problema de insucesso escolar entre falantes de português e os discursos que circulam sobre o tema nas direções escolares de Toronto e na comunidade portuguesa. Leila inclusive destaca seu envolvimento na organização e participação de seminários sobre o assunto, sempre direcionados à comunidade “falante de português”. O cartaz a seguir apresenta um desses eventos, focado em promover o envolvimento de pais lusófonos na vida escolar dos filhos:

Figura 2 – Cartaz de evento direcionado a pais lusófonos

**All Portuguese-Speaking parents are invited to:**  
**Convidamos todos os pais lusófonos:**

**DISCOVER YOUR EDUCATION;  
 AWAKEN YOUR FUTURE**  
 A full-day conference to engage Portuguese-speaking parents in the academic success of their children.



**DESCOBRIR A ESCOLA;  
 DESPERTA O TEU FUTURO**  
 Uma conferência criada para envolver os pais lusófonos no sucesso acadêmico dos seus filhos.

**DETAILS:**

[Redacted]

(Corner of Dundas West & Bloor Streets)  
**FREE PARKING**  
 Dundas West Subway access.

**Programa / Program**  
 9:30am - Registration  
 10:00am - Welcome & Keynote  
 11:00am - Workshop #1  
 12:00pm - Lunch & Marketplace  
 1:00pm - Workshop #2  
 2:00pm - Wrap-up / Door Prizes

**DOOR PRIZES!**

**REGISTER SOON :**  
[http://portuguese\[redacted\].ca](http://portuguese[redacted].ca)  
 Email: [redacted]  
 Phone: [redacted]

**MORE INFO:**  
[facebook.com/events/\[redacted\]](facebook.com/events/[redacted])

Leila acredita que a principal causa do “problema” é que os portugueses, açorianos – e agora também os brasileiros – não têm a educação como prioridade, e exemplifica dizendo que já ouviu de alunos brasileiros que queriam logo completar 16 anos para trabalhar na construção civil, ocupação economicamente atrativa no curto prazo. Sobre os brasileiros como parte do problema, ela diz que a comunidade brasileira é muito heterogênea, mas que, na escola em que trabalha, a maioria de seus alunos são filhos de trabalhadores da construção civil:

Leila            existem, é: .h porque os brasileiros que- que-  
                       que vêm pro Canadá também são bem, é, é,  
                       bastante heterogênea a comunidade brasileira  
                       (.) tem os brasileiros que vieram pelo  
                       processo- pelo processo regular, pelo processo  
                       de- de- de fazer todo o processo direitinho,  
                       pelos pontos, por causa da formação acadêmica,  
 Pedro            mhm  
 Leila            é, domínio do inglês, tal (.) então a pessoa  
                       com formação (.) formação acadêmica. (0,4) e  
                       também tem o pessoal que- que-  
                       (...)  
                       é um pessoal que chega e mal sabe ler e  
                       escrever em português e chegam trabalham duro  
                       (...)  
                       então a gente tem muitas dessas crianças aqui  
                       nessas- nessas áreas, os pais trabalhando  
                       muito, turnos muito pesados,

Como é possível observar na fala de Leila, os migrantes vistos como parte do problema de insucesso escolar estão associados a um perfil de migrantes brasileiros com pouca especialização e concentrados em áreas da cidade ligadas a migrantes portugueses. Essa perspectiva da participante reforça a pertinência do conceito de enoclasse, uma vez que diferenças associadas a um grupo de classe trabalhadora e com baixos graus de escolaridade e a outro representado por migrantes que exercem atividades mais especializadas são associadas a aspectos linguísticos. Para ela, a associação à comunidade portuguesa em Toronto pode ser vista como problemática:

Leila            porque o brasileiro ele também- apesar de estar  
                       próximo ao português, ali, né tem muito  
                       brasileiro. o brasileiro assim faz questão de  
                       frisar que ele não é de Portugal sabe  
 Pedro            mhm  
 Leila            o brasileiro faz sempre questão de não ser  
                       associado ao português aqui né

Ela conta que, na escola em que trabalha, composta em sua maior parte por funcionários de origem portuguesa, já ouviu comentários pejorativos sobre o seu sotaque brasileiro ao falar



português. Ela diz ficar surpresa com essa atitude, uma vez que estão no Canadá, um país multicultural e cuja língua oficial não é o português. Ao mesmo tempo, ela diz que nunca ouviu comentários a respeito de seu inglês com sotaque por parte de canadenses. Tal atitude revela de fato uma posição de separação entre uma comunidade portuguesa, falante de português cotidianamente e a sociedade canadense, anglófona e multicultural. Leila parece buscar aproximação com o segundo grupo ao relatar situação vivida com uma colega de trabalho:

Leila uma professora assim é, portugue:sa, uma pessoa nova, uma senhora né uma jovem senhora que fez algum comentário assim depreciati:vo com relação ao meu português

Pedro mhm

Leila já passei por isso

Pedro lembra o quê que foi? assim a ocasião, era- ahn o que que ela disse era uma coisa-

Leila ela quis dizer que o português brasileiro não era o português correto

Pedro mhm

Leila °né°

Pedro isso era por uma- porque tu disseste alguma coisa que pareceu estranha?

Leila não,

Pedro não. era em geral?

Leila foi um comen- um comentário meio .h sabe quando a pessoa (.) você sente que a pessoa joga a isca?

Pedro mhm

Leila joga a isca e você não- você não fisga (...)

Leila não me lembro a situação mas eu me lembro que ela é- uhm era uma coisa que parece que ela precisava falar pra mim e como não surgiu a oportunidade teve uma hora que ela, que ela soltou assim

Pedro mhm

Leila e- ela fez a situação. pra ela fazer o comentário (.) e: hm (0,4) aí eu j- já tava com meu inglês já bem, comunicando (.) me virando comunicando super bem e ela não

Pedro mhm

Leila aí eu falei então tá bom (.) então vamos falar em inglês. hhhh se o meu portug(u)ês não é adequado,

Pedro mhm

Leila né se te incomoda, então vamos conversar em inglês (.) estamos no Canadá, vamos conversar em inglês.

Falar inglês, neste caso, aparece como indicativo de uma integração bem sucedida à sociedade canadense mais amplamente, para além da convivência, mesmo no trabalho, com

outros falantes de português. Leila, cuja ocupação está situada junto aos falantes de português, muitos associados a famílias de trabalhadores da construção civil, ou seja, circula e tira recursos junto a etnoclasse “falante de português”. No entanto, nota-se tentativas de afastamento dessa etnoclasse, ou de uma busca por posição de elite, pela posição de afastamento dos migrantes portugueses na cidade e também pela mobilização do repertório multilíngue como recurso valioso para inserção na economia política em que ela se insere, distante de uma classe trabalhadora monolíngue e próxima a uma elite bem integrada, multicultural e multilíngue.

Em relação a escolarização do filho, o francês aparece também como um item de repertório que pode trazer vantagens para inserção futura no mercado de trabalho – especialmente na percepção de Ricardo, que vê que clientes de trabalho de fora de Ontário dão preferência a pessoas que falam francês. Leila diz não perceber muito isso, mas que também seria uma língua importante para trabalhar em um órgão público no país. Disso decorre que a família tem planos de matricular Mateus em uma escola de imersão francesa – em que frequentaria as aulas regulares em língua francesa.

Sobre o valor de Mateus continuar falando português, Leila diz se preocupar bastante com a questão da língua e identidade e quer que o filho mantenha a língua. O português é associado então a aspectos identitários: ela quer conseguir se comunicar com o filho na língua que ela fala melhor e que ele também consiga se comunicar com os avós e as pessoas no Brasil. Sobre a importância de o filho manter o português quando adulto no Canadá, ela não consegue elencar motivos específicos pelos quais isso seria útil – diz que talvez para trabalhar como gerente em um banco junto à comunidade portuguesa, mas não acha que será o caso de Mateus. Com efeito, Mateus não fala português fora do ambiente familiar, pois não há contato com outros falantes da língua na escola. Inclusive, há uma associação quase literal de uso da língua ser algo para somente “dentro de casa”:

Leila            em algum momento ele percebeu que dentro de casa a gente falava português, mas dentro de casa né. assim fora de casa as pessoas não vão falar português e muitas vezes a gente também não fala português fora de casa porque tem que conversar com as outras pessoas em inglês né (...)  
então já teve situações de eu estar no quintal e ele não querer falar português (.) porque não tá dentro de casa.

A partir da entrevista com Leila, notamos algumas aproximações com os relatos apresentados pela família de César, Adriana e Celeste, como aspectos de atenção a valorização do multilinguismo pelo Estado canadense e o planejamento e investimento para que os filhos

se mantenham como falantes de português e de fato expandam seu repertório para mais línguas. A mobilização de recursos materiais para uma “adaptação” no início da experiência como migrantes também aparece nas duas famílias, com Leila e César fazendo cursos de inglês. Heller e McElhinny (2017) apontam o multilinguismo como “uma característica de elites contemporâneas cujos membros competem por acesso (especialmente para suas crianças) a mandarim, inglês, espanhol e francês (e talvez russo e português)” (p. 234). Nessas duas famílias, cujos pais (homens) exercem atividades empresariais altamente especializadas em empresas multinacionais, o investimento em *language skills* é evidente.

No entanto, observamos diferentes ideologias de linguagem em relação a atribuições de valor às línguas do repertório de seus filhos, apesar de ambos ressaltarem a importância do português na interação com familiares. Para César e Adriana, é essencial que Celeste seja falante de português porque, como no caso da sua madrinha, a língua pode ajudar a encontrar empregos que lidem com mercado na América do Sul, por exemplo. Nesse sentido, a família está disposta a investir em aulas, cursos e professores para que Celeste mantenha o idioma. Já para Leila, o português aparece atrelado a práticas mais locais, e, embora possa ajudar o filho a encontrar um emprego localmente, não vê isso como uma grande vantagem. No entanto, reconhece que o domínio de inglês é essencial para a integração com a sociedade canadense e também estão dispostos a investir na escolarização do filho em francês.

Cabe ressaltar que o multilinguismo não é visto como apenas característica de elites. André foi direcionado para o reforço escolar por misturar inglês e português, ou seja, conta também com um repertório multilíngue e, mesmo que se apresentem como limitados, os seus pais relatam ter conhecimentos de inglês “do dia a dia”. A diferença em questão são as maneiras como esses repertórios se constituem valiosos para os diferentes migrantes apresentados. Classe social, atrelada ao acesso a recursos materiais e simbólicos, parece ser um elemento relevante para a análise de ideologias de linguagem entre as famílias entrevistadas.

Em relação a possibilidade de mobilização do conceito de “alienação”, a análise das entrevistas parece apontar para a relevância da noção materialista, apresentada em Block (2014), relacionada a manifestações de atenção a demandas do mercado de trabalho da economia política em que os entrevistados se inserem. Relatos de investimentos e planejamento para que os filhos aprendam outras línguas, associados a valorização de repertórios multilíngues pelo Estado canadense e pelo mercado de trabalho global ocupam posição de destaque nas famílias de Adriana, César e Celeste e de Leila, Ricardo e Mateus, mesmo que de maneiras diferentes. Adriana e César percebem que inglês e português podem ser mobilizados para obterem vantagens no mercado, já Leila, ao perceber associações negativas ao português nos

locais por onde circula, acaba valorizando a língua em termos identitários e relatando investimentos em inglês e francês – línguas que, em sua percepção, possibilitariam a integração mais efetiva a sociedade canadense. Relatos e estratégias do mesmo tipo não são evidentes na entrevista com a família de André, cujos pais exercem atividades pouco especializadas. Refletir sobre a noção de etnoclasse – em que ser falante de português estaria relacionado a migrantes portugueses, com baixa escolarização, monolíngues e tipicamente ocupados em construção civil e limpeza – também parece estar relacionada a alienação, uma vez que trata da legitimação de relações de classe em bases culturais (como aspectos linguísticos) na mobilização de contingentes laborais na organização do Estado canadense.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito que a análise das entrevistas sob as lentes teóricas aqui apresentadas pode trazer conclusões e encaminhamentos no que se refere a: a) a relevância do conceito de etnoclasse para se pensar em organizações de relações de classe em relações a falantes de português na economia política em Toronto; b) a possibilidade de mobilização do conceito de “alienação” para tratar de questões de ideologias de linguagem e classe social, relacionado a manifestações de atenção a demandas do mercado e investimento no desenvolvimento de *language skills*; c) a corroboração da importância do estudo de práticas de linguagem, migração e classe social em termos de condições materiais da vida de falantes multilíngues (BLOCK, 2017).

A partir das entrevistas, reforço a posição de Garcez (2018) de haver em Toronto uma etnoclasse “falante de português” associada a migrantes de origem portuguesa na cidade, monolíngues, trabalhadores na área de construção civil e limpeza e cujos estudantes apresentam baixo rendimento escolar. Ao retomarmos o conceito de etnoclasse, isto é, “uma categoria que legitima relações de classe em bases culturais” (HELLER et al., 2016, p. 63) tomando como central a noção da legitimação de relações de classe, os diferentes perfis de família entrevistados parecem apontar que de fato há relatos que associam aspectos linguísticos a diferenças entre um grupo de classe trabalhadora e com baixos graus de escolaridade e a outro representado por migrantes que exercem atividades mais especializadas.

O conceito de alienação, no sentido marxista apresentado por Block (2014), referente ao não relacionamento do trabalhador com o resultado de seu trabalho, visto como algo externo ao sujeito, também se mostra pertinente, uma vez que narrativas sobre investimento e planejamento em *language skills*, associadas a reconhecimento da valorização de multilinguismo pelo Estado canadense e pelo mercado de trabalho global, se destacam nas famílias cujos adultos exercem atividades especializadas. Já relatos e estratégias do mesmo tipo não são evidentes na família de André, cujos pais exercem atividades profissionais pouco especializadas.

É interessante ressaltar que, ao refletir sobre a relação entre trabalhador e resultado de seu trabalho, observa-se nas famílias de César (especialmente) e Leila uma visão de trabalhador como “feixe de habilidades” ofertáveis no mercado de trabalho (URCIUOLLI, 2008). O domínio de línguas aparece em discursos de lucro, de mercantilização da linguagem, ofertada como produto na economia globalizada. Nesse sentido, o trabalhador estaria atento às demandas do mercado e as habilidades linguísticas são alienadas do sujeito e colocadas em circulação como *commodities*. No entanto, essa mobilização de recursos aparece associada a um

investimento maior no desenvolvimento e manutenção de repertórios multilíngues, o que afirma novamente a relevância do estudo de condições materiais de migrantes para o quadro mais amplo de estudos contemporâneos de diversidade sociolinguística e mobilidade na nova economia globalizada contemporânea, atentos a classe social como elemento sociocultural importante.

A partir desses pontos, me aproximo da posição de Block (2017) no que diz respeito à necessidade de estudos que tratem de práticas de linguagem com foco explícito em classe social, em uma abordagem multidisciplinar baseada em teoria social e economia política. Reconhecer isso também implica destacar as dificuldades do estudo de classe social, por tratar-se de uma categoria em constante necessidade de revisão e cuja definição abarca diversas categorias. Mais do que isso, pensar em classe social e migração se torna particularmente difícil pelas diferentes construções sociais que plasmam relações de classe social nos países. A utilização da ocupação como ponto inicial para análise e categorização se mostrou proveitosa para flagrar diferentes ideologias de linguagem. No entanto, não há pretensão de tomar ocupação como único indicativo de posições de classe: um exame mais complexo sobre essas relações no Canadá, articulando outros fatores relevantes seria bastante proveitoso.

Por fim, cabe ressaltar que o interesse no desenvolvimento dessa pesquisa não se limita a compreensão de ideologias de linguagem em famílias de brasileiros no Canadá. Discussões e ações relativas à mobilidade estão em pauta em ambientes institucionais, seja com vistas à criação de vínculos transnacionais com outras instituições ou programas de acolhimento de imigrantes e refugiados. É possível citar estudos desenvolvidos no âmbito do Programa de Português para Estrangeiros (PPE-UFRGS) que tratam de questões relativas ao ensino e aprendizagem da língua portuguesa por migrantes e refugiados em Porto Alegre. Bulla, Silva, Lucena e Silva (2017), em relato sobre trabalho desenvolvido em escola que recebia fluxo de estudantes haitianos para educação básica e EJA, apontaram desafios de inserção desses migrantes em escolas públicas de Porto Alegre, em que muitos eram alocados em turmas de EJA por não saberem a língua portuguesa, mesmo que já contassem com formação escolar ou ensino superior no Haiti. Segundo os autores, “em geral, costuma-se perceber a presença da nacionalidade ocupando postos [...] que não exigem um alto nível de escolarização, apesar de muitos migrantes virem com diplomas de graduação do Haiti” (p. 6).

Nesse sentido, acredito que este trabalho de pesquisa em graduação foi bem-sucedido pela oportunidade de me situar em debates contemporâneos que tratam de língua e classe social. Também destaco que acredito que a sua realização também contribuiu para a minha formação como professora por possibilitar que o desenvolvimento de compreensões críticas sobre

concepções de linguagem na contemporaneidade. Acredito que desenvolver um olhar sensível e disposto a refletir sobre as concepções sobre linguagens apresentadas pelos próprios falantes, ao mesmo tempo em que se busque posicioná-las em relação às posições ocupadas por eles na sociedade pode me proporcionar uma prática docente mais informada em relação as ideologias presentes no ensino de idiomas.

## REFERÊNCIAS

- ALLAN, K. *Learning how to “Skill” the Self: Citizenship and Immigrant Integration in Toronto, Canada*. 2014. Tese de doutorado inédita. Departamento de Antropologia, Universidade de Toronto, Toronto, 2014.
- BLOCK, D. *Social class in applied linguistics*. Londres: Routledge, 2014.
- \_\_\_\_\_. Social class in migration, identity, and language research. In: CANAGARAJAH, S. (org.). *The Routledge handbook of language and migration*. Londres: Routledge, 2017. p. 133-148.
- BLOMMAERT, J.; RAMPTON, B. Language and superdiversity. *Diversities*, v. 13, n. 2, p. 1-22, 2011.
- BORTOLINI, L. S.; GARCEZ, P. M.; SCHLATTER, M. Language practices and identities in transit: Spanish and Portuguese in everyday life in a Uruguayan school community near the border with Brazil. In: MOITA LOPES, L. P. (org.). *Global Portuguese: linguistic ideologies in late modernity*. Londres: Routledge, 2015. cap. 8, p. 163-184.
- BRASCH, K. *Finding their place in the world: Brazilian migrant identities in an interconnected world*. 2007. Tese de doutorado. Ontario Institute for Studies in Education, Universidade de Toronto, Toronto, 2007.
- BULLA, G. S.; SILVA, R. L.; LUCENA, J. C.; SILVA, L. P. Imigração, refúgio e políticas linguísticas no Brasil: reflexões sobre escola plurilíngue e formação de professores a partir de uma prática educacional com estudantes haitianos. *Organon*, Porto Alegre, v. 32, n. 62, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/72346>. Acesso em: 4 dez. 2019.
- CITY OF TORONTO. *Toronto at a Glance*. Toronto, (n.d.). Disponível em: <https://www.toronto.ca/city-government/data-research-maps/toronto-at-a-glance/>. Acesso em: 4 dez. 2019.
- COLLINS, J.; RAMPTON, B. Language, class, and education. In: MCCARTY, T; MAY, S (orgs.). *Encyclopedia of Language and Education*. Nova Iorque: Springer, 2017.
- DE FINA, A.; PERRINO, S. ‘Transnational identities’. *Applied Linguistics*, v. 34, n. 5, p. 509–515, 2013.
- GAL, S. Sociolinguistic differentiation. In: COUPLAND, N. (Org.), *Sociolinguistics: Theoretical debates*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016. p. 113-135.
- GARCEZ, P. M. *Práticas transnacionais e escolarização multilíngue de falantes de português em Ontário, Canadá*. Projeto de pesquisa submetido ao CEP/UFRGS. Manuscrito inédito, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.



- GARCEZ, P. M. Quem é estudante falante de português em famílias de origem brasileira em Toronto, Canadá? questões de classe. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, SC, v. 18, n. 3, p. 729-749, set./dez. 2018.
- GARCEZ, P. M.; BULLA, G.S.; LODER, L. L. Práticas de pesquisa microetnográfica: geração, segmentação e transcrição de dados audiovisuais como procedimentos analíticos plenos. *D.E.L.T.A.*, São Paulo. v. 30, n. 2, 257-288, 2014.
- GARCEZ, P. M.; SCHULZ, L. Olhares circunstanciados: etnografia da linguagem e pesquisa em Linguística Aplicada no Brasil. *D.E.L.T.A.*, São Paulo. v. 31-especial, 1-34, 2015.
- GARCEZ, P. M.; DIAS, C. F.; BESS, G. A. The values attached to speaking Portuguese among Brazilian migrant families in Toronto: Pride and profit. In: CARDOSO, I; RATO, A; TAVARES, V (orgs.), *Teaching and learning Portuguese in Canada: Multidisciplinary contributions to SLA research and practice*. Roosevelt, NJ: Boavista Press, em preparação.
- GIDENS, A; SUTTON, P. *Conceitos essenciais da Sociologia*. São Paulo: Editora da UNESP, 2016.
- HELLER, M. The commodification of language. *Annual Review of Anthropology*, v. 39, p. 101-114, 2010.
- HELLER, M. *Paths to post-nationalism: A critical ethnography of language and identity*. Oxford: Oxford University Press, 2011.
- HELLER, M.; DUCHÊNE, A. Pride and profit: Changing discourses of language, capital and nation-state. In: DUCHÊNE, A.; HELLER, M. (orgs.). *Language in late capitalism: Pride and profit*. Londres: Routledge, 2012. p. 1-21.
- HELLER, M.; BELL, L. A.; DAVELUY, M.; MCLAUGHLIN, M.; NOËL, H. *Sustaining the nation: The making and moving of language and nation*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2016.
- HELLER, M.; McELHINNY, B. S. *Language, capitalism, colonialism: toward a critical history*. Toronto: University of Toronto Press, 2017.
- HELLER, M.; PIETIKÄINEN, S.; PUJOLAR, J. *Critical sociolinguistic research methods: studying language issues that matter*. Londres: Routledge, 2018.
- IRVINE, J. T.; GAL, S. Language ideology and linguistic differentiation. In: KROSKRITY, P. V (org.), *Regimes of language: Ideologies, politics, and identities*. Santa Fé, EUA: School of American Research Press, 2000. p. 35-84.
- JAFFE, A. Critical perspectives language-in-education policy: The Corsican example. In: MCCARTY, T. L. (org.), *Ethnography and language policy*. Nova Iorque: Routledge, 2011. p. 205-220.

- MCALL, C. Keeping the Old World going: Multiculturalism and the state in Canada. *In: Class, ethnicity, and social inequality*. Montreal: McGill-Queen's University Press, 1990. p. 165-178.
- PARK, J; WEE, L. Nation-state, transnationalism, and language. *In: CANAGARAJAH, S. (org.). The Routledge handbook of language and migration*. Londres: Routledge, 2017. p. 47-62.
- SEGA, R. F. *Projeto Canadá: seletividades e redes de imigrantes brasileiros qualificados em Toronto*. 2013. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013.
- SILVA, E. Tensões sociolinguísticas na comunidade portuguesa/lusófona de Toronto. *In: MOITA LOPES, L. P. (org.). Português no século XXI: ideologias linguísticas*. São Paulo: Parábola, 2013, p. 169-191.
- \_\_\_\_\_. Humor (re)positioning ethnolinguistic ideologies: “You tink is funny?”. *Language in Society*, v. 44, n. 2, p. 187–212, 2015b.
- TEIXEIRA, C.; MURDIE, R. A. On the move: The Portuguese in Toronto. *In: TEIXEIRA, C.; DA ROSA, V. M. P. (org.). The Portuguese in Canada: Diasporic challenges and adjustment*. (2a. ed.). Toronto: University of Toronto Press, 2009. p. 191-208.
- URCIUOLI, B. Skills and selves in the new workplace. *American Ethnologist*, v. 35, n. 2, p. 211-228, 2008.
- VERTOVEC, S. Super-diversity and its implications. *Ethnic and Racial Studies*, v. 30, n. 6, p. 1024-1054, 2007.

**APÊNDICE A – CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO**

,	entonação de continuidade
.	entonação de finalização
i:s	prolongamento do sim
<u>primeiro</u>	sílaba ou palavra enfatizada
portug-	corte abrupto
(.)	pausa de até 2/10 de segundo
(0,9)	medida de silêncio em segundos
[e já]	falas simultâneas/sobrepostas
=	falas sem intervalo
hh	riso
(...)	trechos omitidos